

Editorial

SEM MATAS,
SEM CHUVAS

O Brasil vive uma de suas maiores crises hídricas. As chuvas demoram a chegar, o que compromete o sistema elétrico, baseado nas grandes barragens, e o abastecimento de água potável das cidades.

Até agora, a culpa tem sido imputada a São Pedro. Nem nos debates eleitorais o assunto prosperou. Parece que os candidatos estavam de acordo sobre a responsabilidade de cada um na crise.

Agora, fica-se sabendo, por intermédio de um instituto da Amazônia, que o desmatamento na região aumentou, em agosto e setembro últimos, o que o governo só irá divulgar em novembro próximo.

Naqueles dois meses, o corte de árvores subiu 191% em relação ao mesmo período de 2013. De 288 km², a área desmatada pulou para 838 km². Só em setembro, foram destruídos 402 km² de florestas.

Para se ter uma ideia, 402 km² correspondem mais ou menos a um quarto da área da capital de São Paulo – a maior cidade da América Latina. No ano passado, no mesmo mês, tinham sido desmatados 103 km².

O governo se apressou em refutar as informações, mas elas não serão muito diferentes quando forem divulgadas. Existe um conflito de metodologias entre as da ONG amazônica e as do Inpe, usadas pelo governo.

A verdade é que o ritmo do desmatamento não diminuiu neste nem em outros governos passados. É o preço que o país está pagando por ter adotado o atual modelo de desenvolvimento econômico.

Na segunda menor taxa de desmatamento já registrada na Amazônia, entre agosto de 2012 e julho de 2013, devastaram-se, segundo o Inpe, 5.891 km² – 29% a mais que no período anterior.

O ano está perdido. O desmate não vai se reduzir. Talvez só se baixar a razão nos governos e nos homens, apercebidos de que as florestas comandam o regime das chuvas e a amazônica é a última que nos resta.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

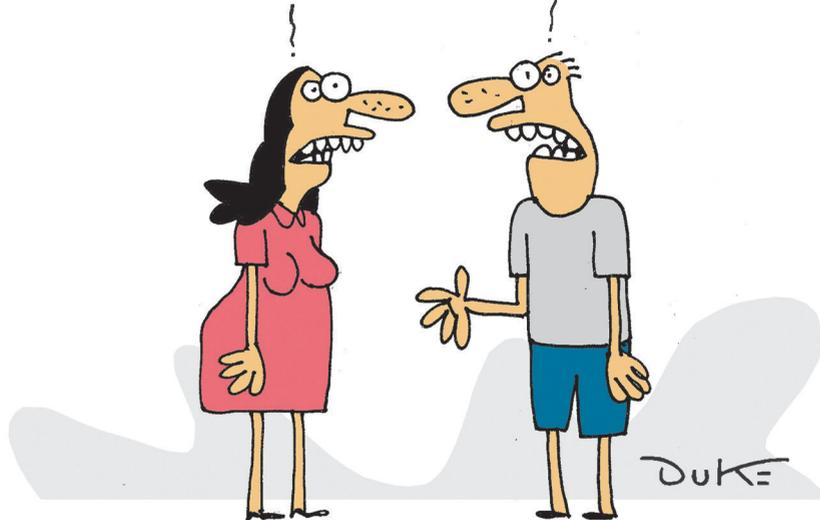
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

A CRISE HÍDRICA É COISA MUITO SÉRIA. É MELHOR A GENTE COLOCAR AS BARBAS DE MOLHO!

DE MOLHO COMO, SE ACABOU A ÁGUA?



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

À beira do Rubicão plantei
lavandas para Dilma Rousseff

Para protegê-la da misoginia e do seu produto, o machismo

Após três debates eleitorais televisionados, a corrida à Presidência da República 2014 chegou à beira do rio Rubicão. Em 26 de outubro, as urnas dirão quem o atravessou e falará “anerrifhō kubos”, que em latim popular é “alea jacta est” (“A sorte está lançada” ou “Os dados estão lançados”).

Em disputa, o Brasil de amanhã. Diferentemente de Caio Júlio Cesar (100 a.C. – 44 a.C.), autor da frase “Até tu, Brutus?”, que decidiu sozinho atravessar o Rubicão, aqui, o povo dirá por meio do voto quem o atravessará.

Para quem não lembra, o lendário rio Rubicão é uma fronteira natural que separa a Gália Cisalpina e a Itália, e que o “Senado romano proibia todo general em armas de transpor essa fronteira sem expressa autorização. Ao transgredir a ordem, Júlio Cesar violou a lei de Roma e declarou guerra ao Senado”. Era 11 de janeiro de 49 a.C.

Aqui os lances da travessia do Rubicão esgarçaram limites civilizatórios. Caberá ao povo dizer o que deseja das duas propostas em debate: se uma pátria mátria, acolhedora e inclusiva, ou uma pátria meritocrática, à moda das capitânias hereditárias.

Apesar da transparência das propostas, escolher não será fácil, posto que a pátria meritocrática está envolta pelas neblinas de Siruiz, que é o discurso “o nosso povo merece mais”, logo, “eu vou fazer mais e melhor”, estribado na fé do Estado mínimo e cada vez menor!

É do DNA da democracia permitir espaços para propostas sinceras e outras nem tanto. Assim sendo, é pendurar a alma no varal até 26 de outubro, confiando que o povo na cabine eleito-

ral terá a sabedoria ao decidir seus destinos. Cá com meus botões, estou de consciência tranquila, porque, do pouco que posso fazer, fiz: contribuir para fomentar o debate. Agora é plantar lavanda, o que também já fiz.

Semeio e cultivo alguma planta em momentos que exigem muito de mim. Talvez seja uma forma de compartilhar com o cio da terra o que está no mais recôndito do meu ser. Um pouco do popular “cada doído com suas manias”... É vero! Nas eleições de 2014 para governador do Maranhão, plantei girassóis, que

Caberá ao povo dizer o que deseja: se uma pátria mátria, acolhedora e inclusiva, ou uma pátria meritocrática, à moda das capitânias

já estão florindo, para o governador eleito Flávio Dino. Agora, plantei lavandas (ou alfazema) para Dilma Rousseff aqui, no Paranã profundo, a minha janela para o mundo.

E por que lavanda para Dilma Rousseff? Além de ser uma planta-inseticida, o nome deriva do latim “lavare” (“lavar”), e é usada em produtos de higiene pessoal e de limpeza, pois limpa, refresca, relaxa e perfuma. Não é à toa que a lavanda é um curinga na atual indústria de cosméticos. É também o perfume de lemanjá, e há a crença de que seu uso na nuca protege contra ataques de obsessores...

Há lavandas nativas nas ilhas Caná-

rias, norte e oeste da África, sul da Europa e no Mediterrâneo, Arábia e Índia. É em Provença (sudeste da França, da margem esquerda do Ródano à margem direita do rio Var) onde elas explodem em vigor e beleza única! Tanto assim que a lavanda sempre evoca as colinas e os vales de Provença, impregnados do cheiro inesquecível dos campos de lavanda, inspiradores da pintura de Van Gogh (pintor holandês, 1853–1890), Henri Matisse (pintor francês, 1869–1954), Paul Gauguin (pintor francês, 1848–1903) e Paul Cezanne (pintor francês, 1839–1906).

Plantei lavandas para Dilma Rousseff na beira do Rubicão para significar que protegê-la da misoginia e do seu produto mais naturalizado e banalizado, o machismo, é uma forma de dizer que todas as mulheres merecem viver num mundo no qual a violência de gênero não terá vez nem lugar.

DUKE

